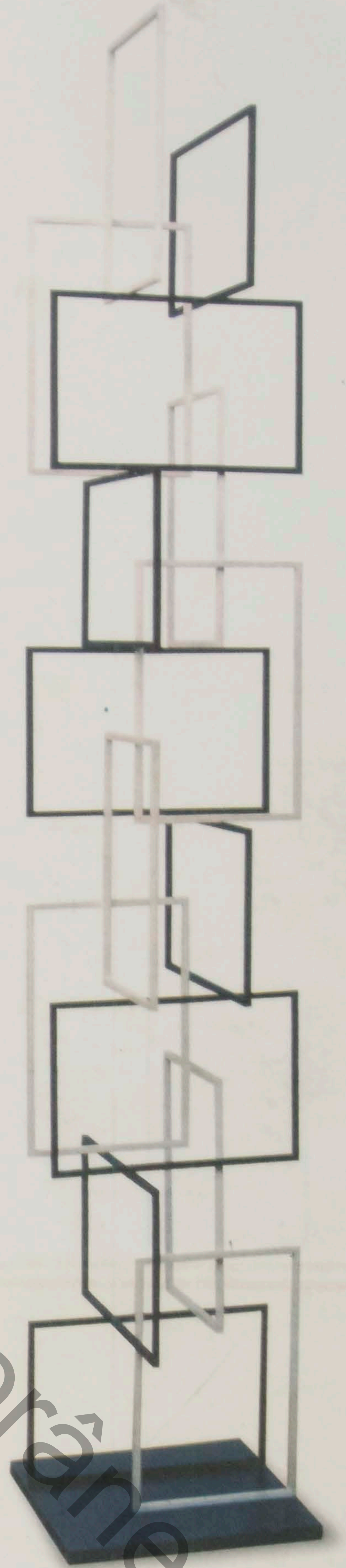


Consuefa e
leuro



**caminhos do
contemporâneo**
1952/2002

Sumário

Nota do Editor	07
Texto da Presidência do BNDES	09
Texto de curadoria / Paço Imperial	11

A Exposição

Galerias	15
Décadas	
1952/59	42
1960/69	90
1970/79	138
1980/89	178
1990/02	218

Contextos

Fios da trama: algumas relações entre economia, sociedade e artes plásticas no Brasil George Kornis	263
Entre a utopia e o mercado, os caminhos da cultura brasileira. Mônica Almeida Kornis	276

Caminhos do Contemporâneo

Paço Imperial
Julho a outubro de 2002

7037(81)
PA 50

Biblioteca Paulo Mendes de Almeida

mam - SP.

nº de tombo 100.9237

data 12/09/2005

compra

doação



O Banco do Desenvolvimento

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



Oswaldo Goeldi
Hernilhados e ofendidos, 1940

Caminhos do contemporâneo

Lauro Cavalcanti

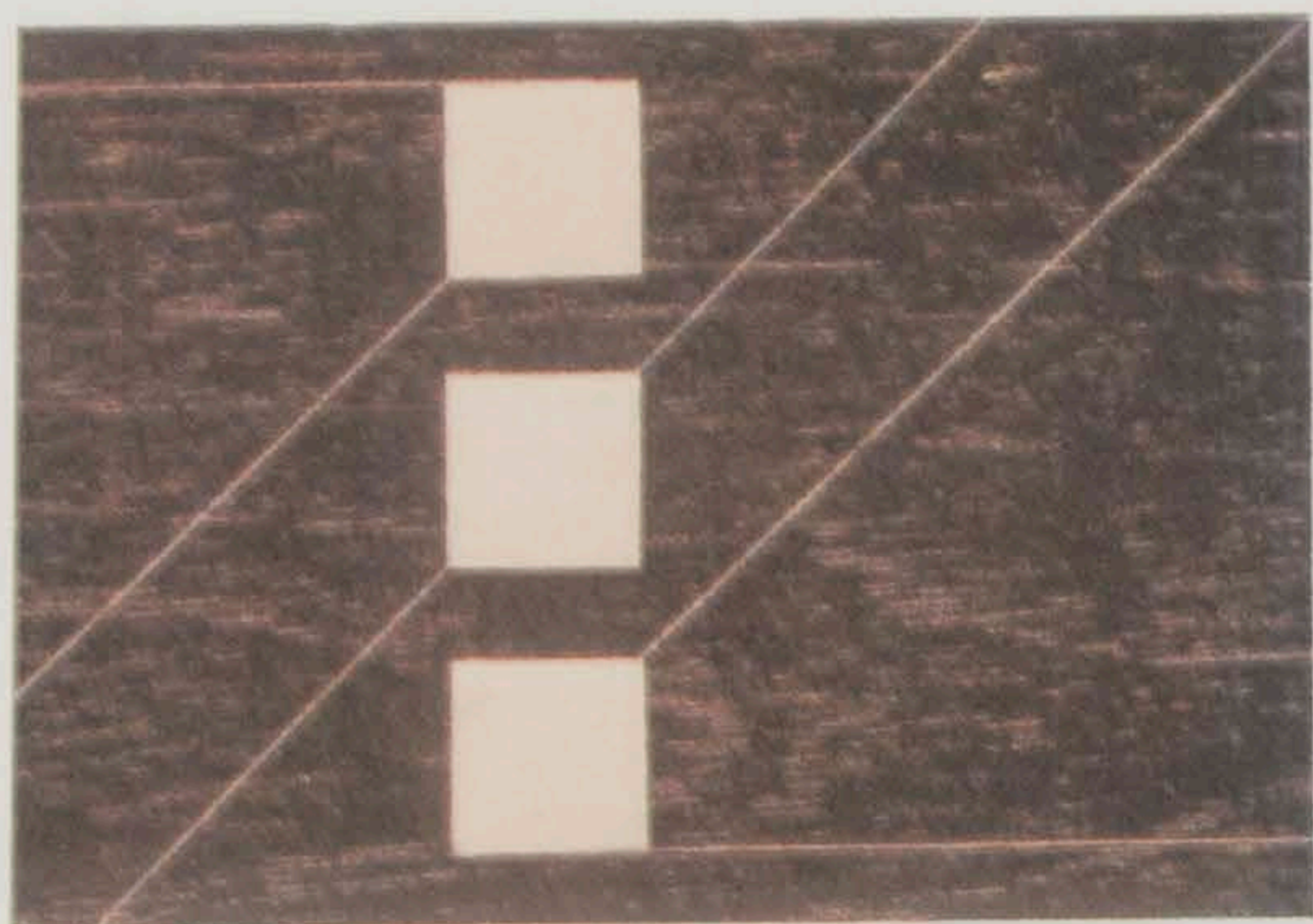
Caminhos Do Contemporâneo:1952-2002 é uma revisão da produção de artes plásticas nos últimos cinquenta anos, articulando as correntes artísticas com os modelos de sociedade, economia e desenvolvimento que se pensavam para o país. Na opinião de muitos, esse período assinala o momento mais importante das artes plásticas brasileiras, ao longo do qual adquirem um caráter próprio e oferecem uma contribuição original às linguagens visuais internacionais.

Caminhos do Contemporâneo é a terceira exposição de uma trilogia, patrocinada pelo BNDES, que se iniciou com *O Brasil Redescoberto* e *Quando o Brasil era moderno*. A primeira mostra examinava a produção efetuada no momento em que a Família Real chega ao Brasil, alçando o país à condição de Reino Unido, abrindo as fronteiras para intercâmbio com outros países europeus e propiciando a vinda de artistas de várias procedências; ensejou-se, então, uma nova e mais ampla "descoberta" do Brasil. Quando o Brasil era Moderno reuniu a produção de 1900 a 1950, articulando as transformações artísticas de um modernismo plural com aquelas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, em período de grandes transformações urbanísticas. O arquiteto funcionava, então, como o profissional ao qual a sociedade delegava o papel de astrólogo e historiador, expressando o que devia ser guardado do passado e projetado para o futuro. Esperava-se construir um novo homem e transformar o Brasil através do projeto de novas cidades, habitações e do conhecimento do passado histórico e artístico.

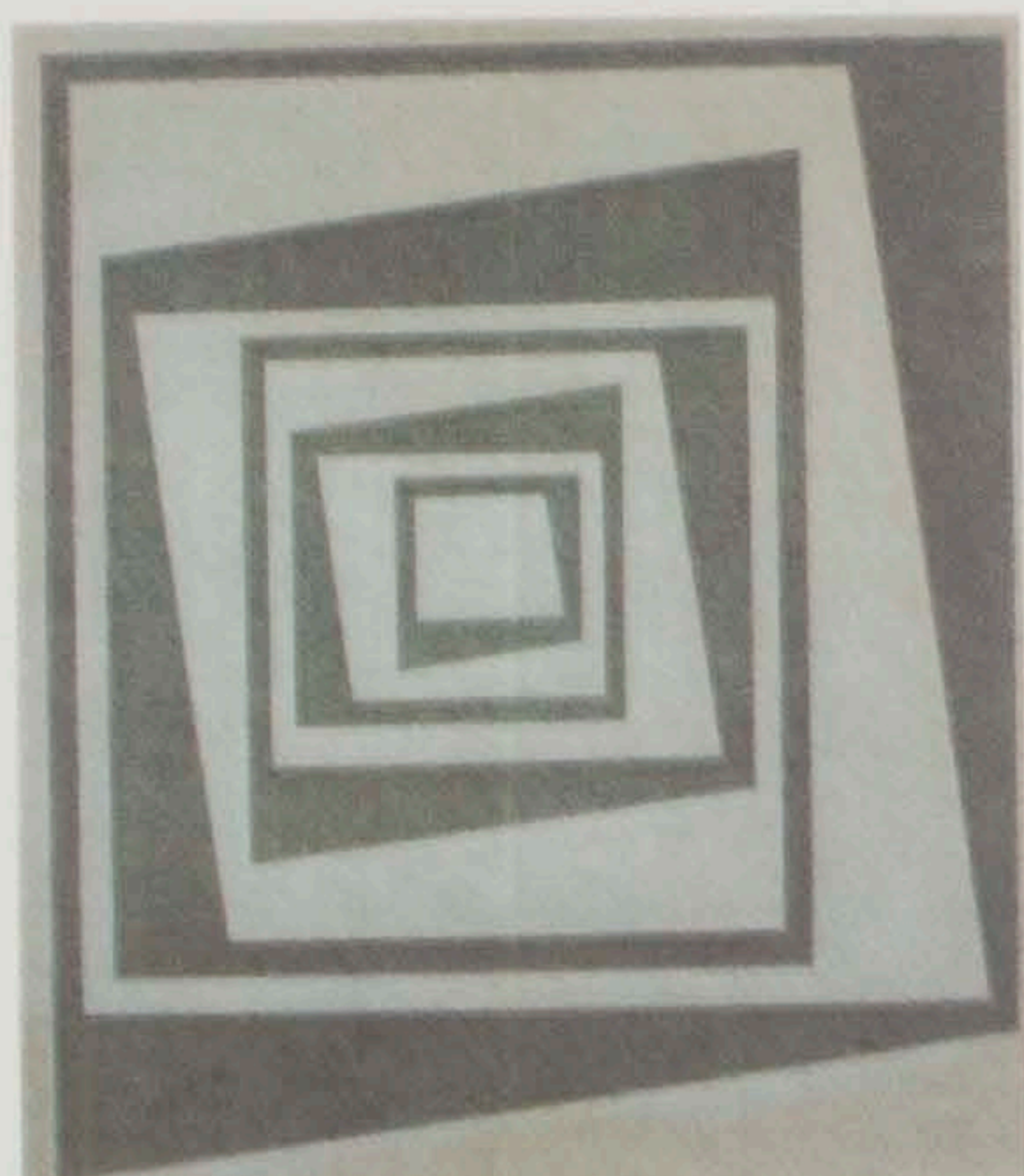
A partir do início dos anos 1960, o economista substituiu o arquiteto nas funções de analista e planejador dos rumos a serem percorridos pelo país. Independentemente de posturas ideológicas, o economista não mais se limita a traçar metas econômicas; os seus planos passam a ser os instrumentos para orientar o perfil e modelo de sociedade que se deseja atualizar. As escolas de Economia se transformam em fóruns privilegiados de discussões dos rumos do país. Seções econômicas ganham destaque nas publicações, surgem revistas especializadas e, cada vez mais, informes e análises econômicas ocupam lugar destacado nos noticiários televisivos de grande escala. Em modelo de relações complexas, os anúncios de mudanças em percentuais galvanizam as atenções. A capilaridade dos planos traçados opera não somente na escala macro, passando a alterar a microfísica das relações diárias de cada um. Independentemente de concordância ou compreensão, a sociedade passa a



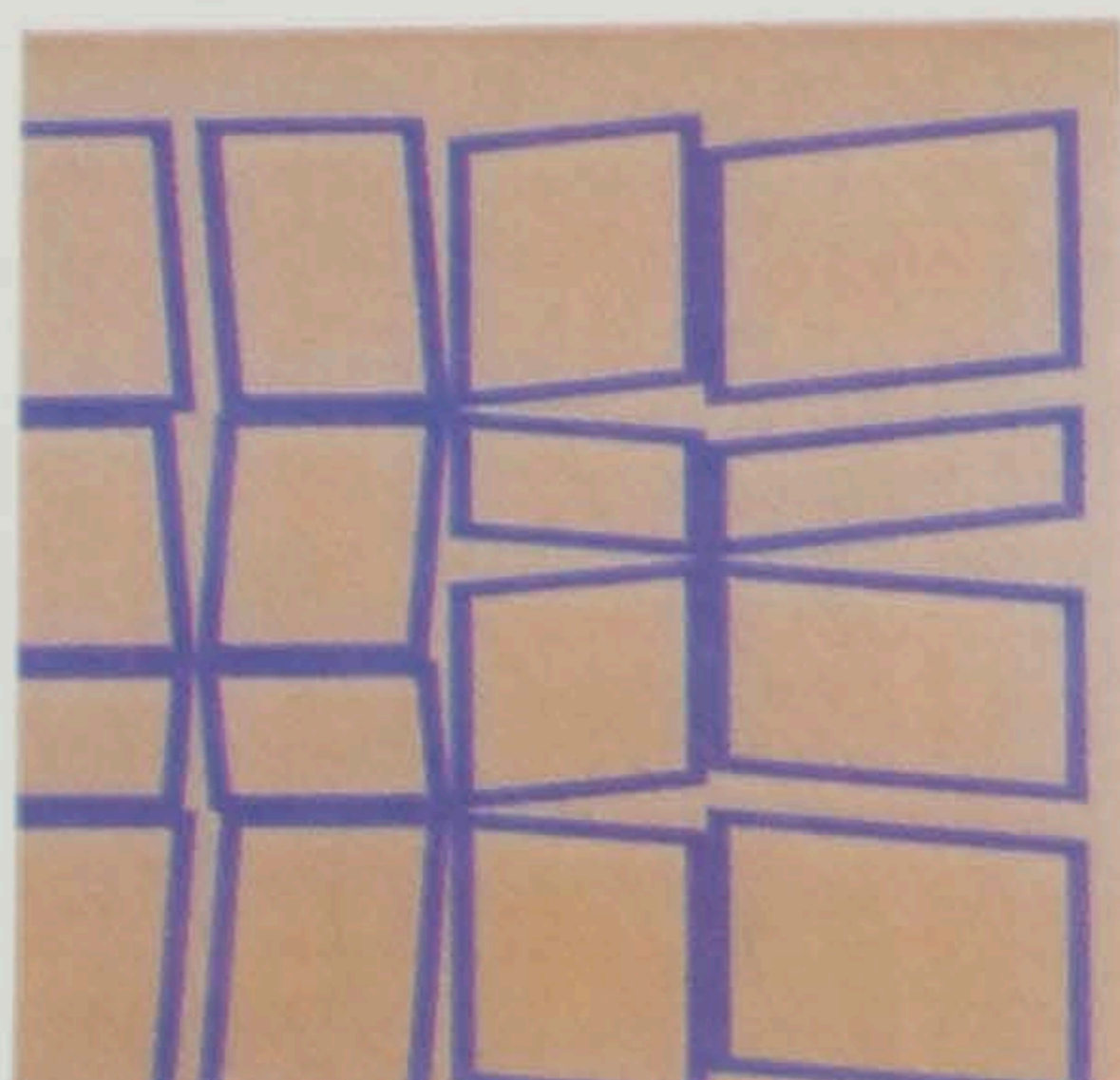
Décio Vieira
Construtivo, 1954



Lygia Pape
Tecelares, 1955



Aluisio Carvão
Claroverde, 1959



Hélio Oiticica
Metaesquema, 1958

complementar a seleção dos consultores setoriais. A arte brasileira possui uma inesgotável riqueza: a escolha final do curador não se pretende definitiva e lamenta eventuais lacunas e falhas; foram incluídos aqueles cujas obras melhor se adequavam ao recorte da mostra e aos limites do espaço disponível. Privilegiou-se, ainda, o critério de selecionar artistas no momento em que suas obras adquiriram relevo na cena artística; incluíram-se nomes já consolidados em outras décadas, no caso de produções que influenciaram ou foram centrais para linguagens desenvolvidas em momentos posteriores ao início de suas atividades. No que toca às obras, procurou-se selecionar trabalhos emblemáticos assim como aqueles de excepcional qualidade que, pertencendo a colecionadores particulares e aos próprios artistas, são inéditos ou raramente expostos. Os anos 90 e 00 foram reunidos em uma só seção, abrangendo nomes surgidos nos últimos doze anos, uma vez que se trata da produção recente, da qual somos todos participantes, não havendo a necessária distância ou mudança significativa de linguagens que indicassem a necessidade de uma separação formal.

Foi realizado para uma das décadas, aquela dos setenta, um exercício de modo a demonstrar como os elencos se alterariam radicalmente se, em vez de haveremos recorrido a curadores setoriais, tivéssemos estabelecido o conjunto de artistas a partir da consulta a cotações de mercado e revisões de críticos estabelecidos na época. Duas maquetes do espaço dedicado aos anos setenta exibem as hipotéticas exposições que resultariam de curadoria baseada em critérios de preços e em referências elogiosas nas revisões críticas publicadas no Jornal do Brasil por Walmyr Ayala e Roberto Pontual e por Teixeira Leite e Frederico Moraes em O Globo.

No âmbito da exposição um seminário, a ser realizado em setembro de 2002, abordará o campo atual de produção artística e as possibilidades de trilhas futuras para as linguagens contemporâneas. A nossa intenção é que a mostra, o livro e o seminário de Caminhos do Contemporâneo possam contribuir para adensar o estudo, pesquisa e debate a respeito da arte brasileira e suas relações com outras áreas de conhecimento.



Leonilson
As naveas, 1983



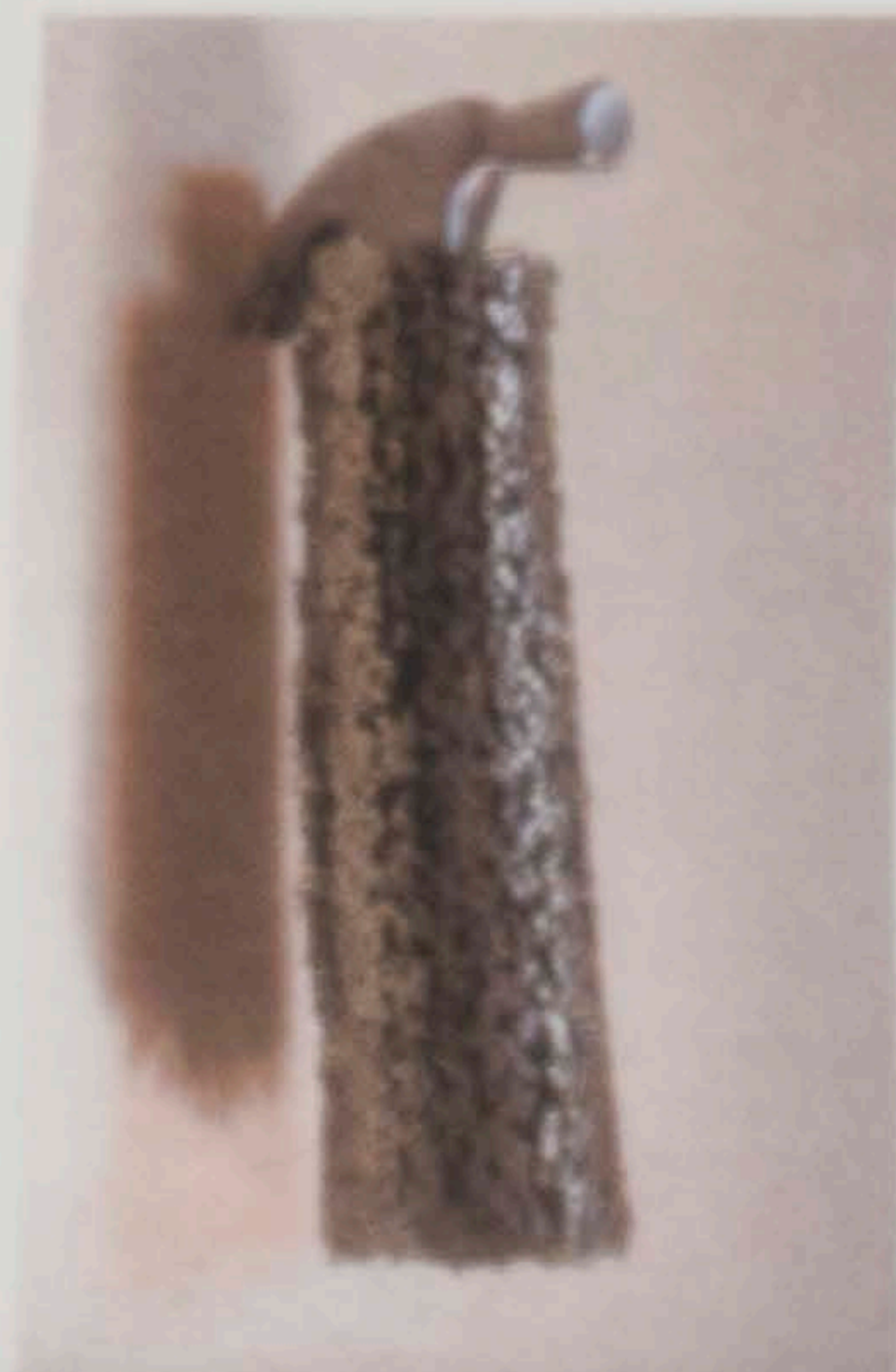
Daniel Senise
Sem título, 1984



Luiz Aquila
Estado da pintura, 1991



Nelson Leão
Lingua, 1990



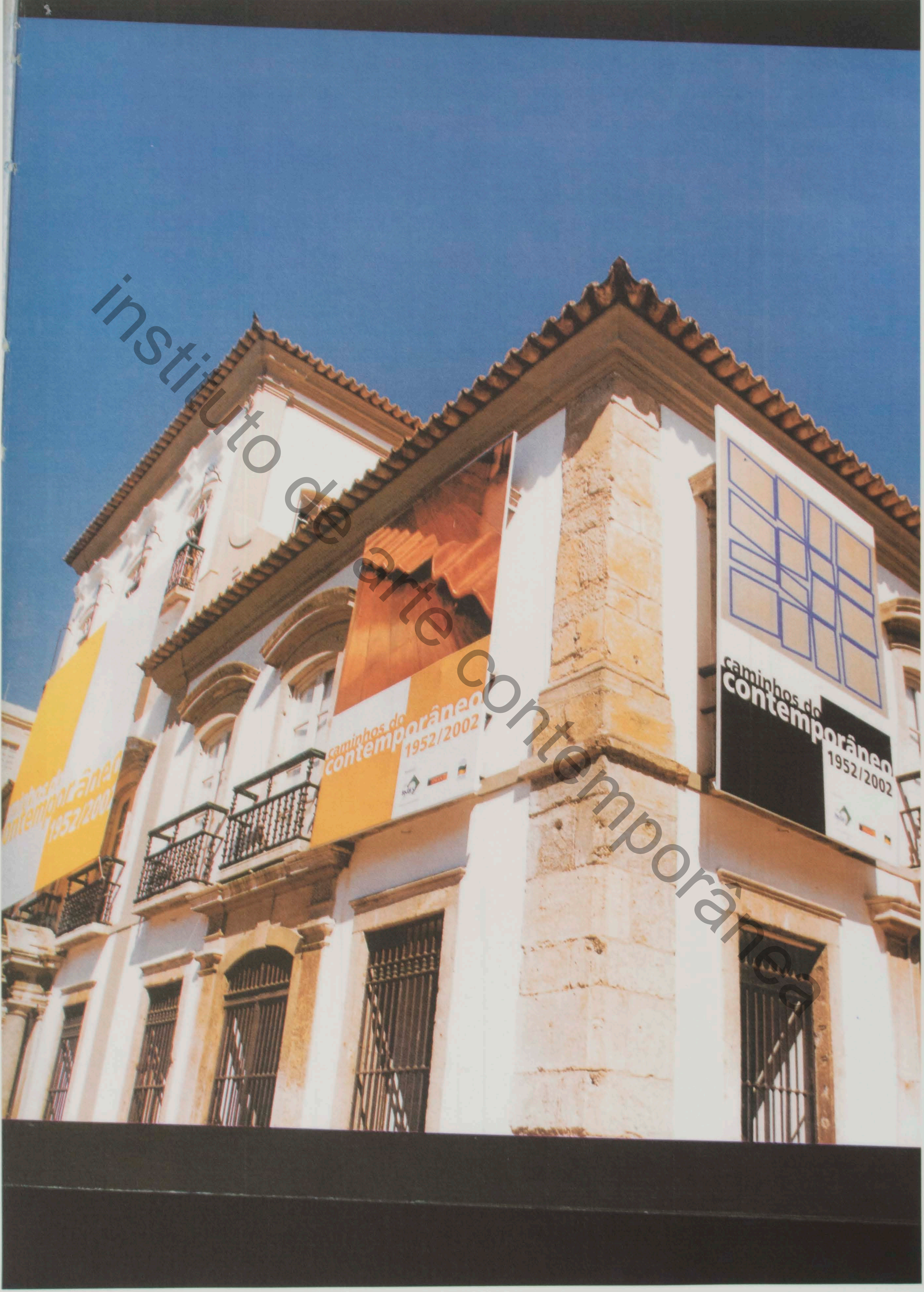
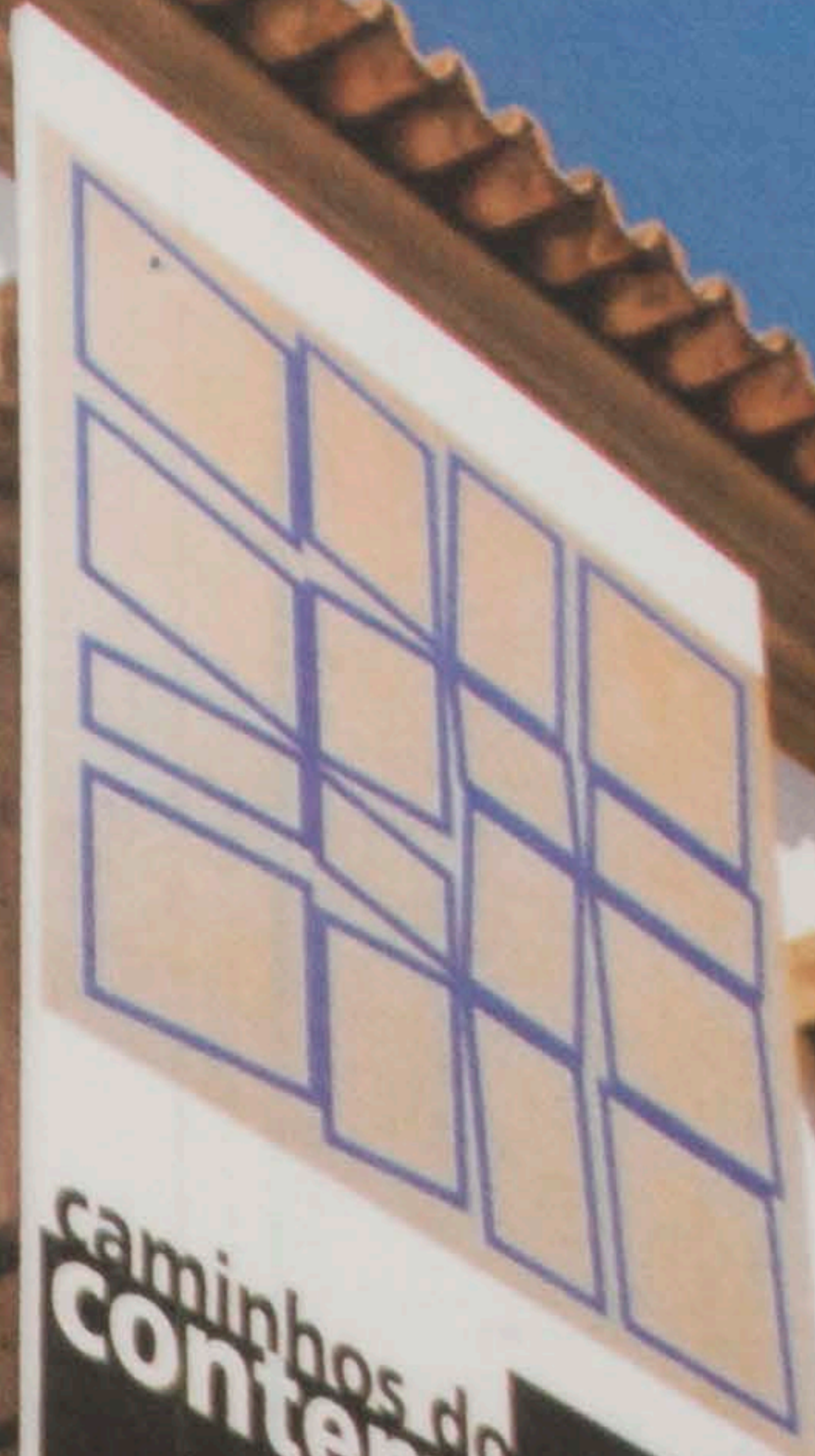
Felipe Barbosa
Martelo de pregos, 2001

instituto de arte contemporânea

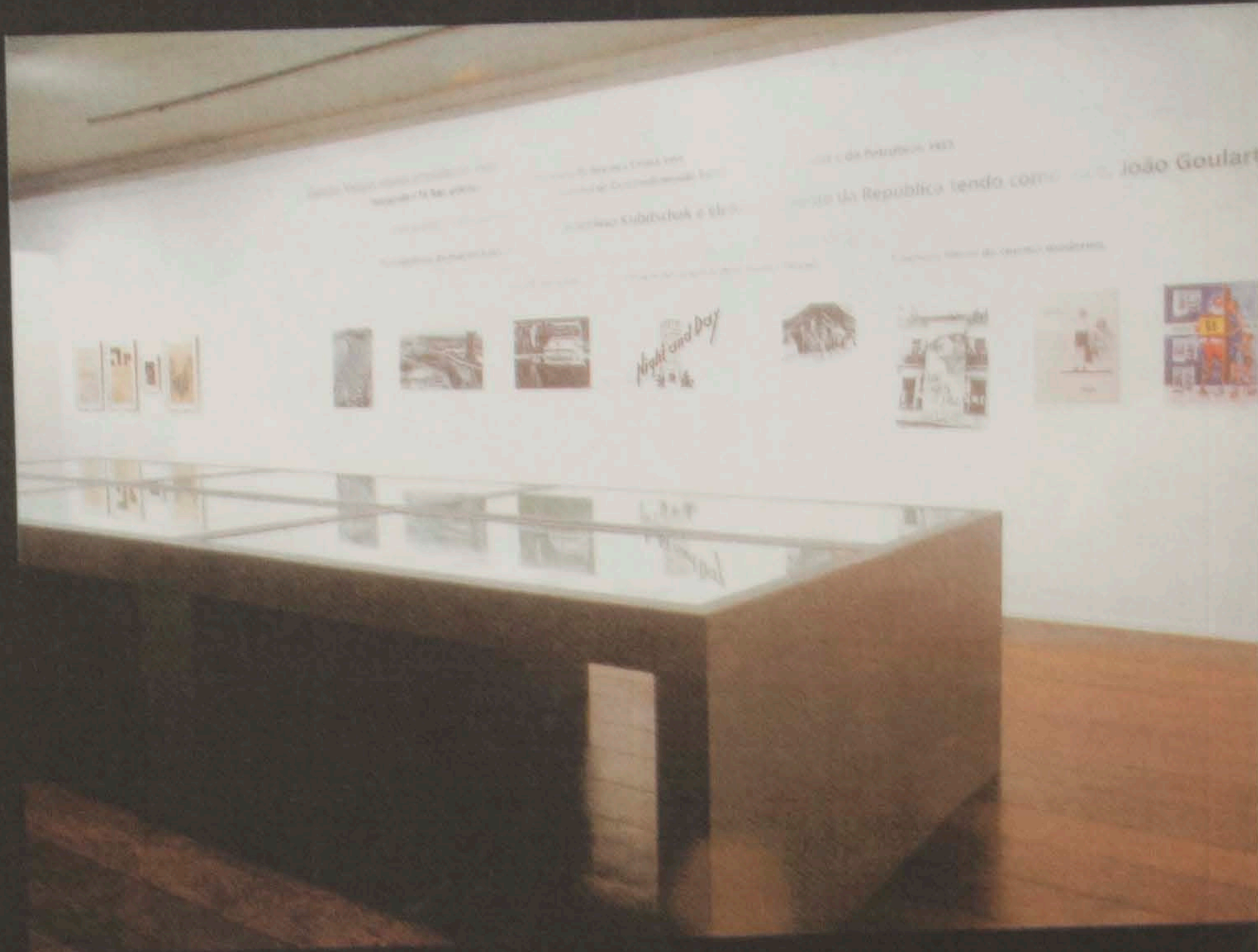
caminhos do contemporâneo 1952/2002

caminhos do contemporâneo 1952/2002

caminhos do contemporâneo 1952/2002



Painel de abertura da década de 50.



Sala de documentação: fotos históricas, cartazes de teatro e cinema, vitrines com fotos históricas, revistas e documentos de época. Ao fundo, Amílcar de Castro trabalhando na redação do Jornal do Brasil, no Suplemento Dominical.



Esculturas de Franz Weissmann, Amílcar de Castro e Mary Vieira; telas de Frans Krajcberg, Antonio Bandeira e Sansom Flexor; ao fundo, obras de Alfredo Volpi.



Esculturas de Amílcar de Castro e Mary Vieira, tela de Sansom Flexor; à direita, trabalhos de Oswaldo Goeldi, Fayga Ostrower, Marcelo Grassmann, Abraham Palatnik, Arthur Luiz Piza; ao fundo, obras de Alfredo Volpi.

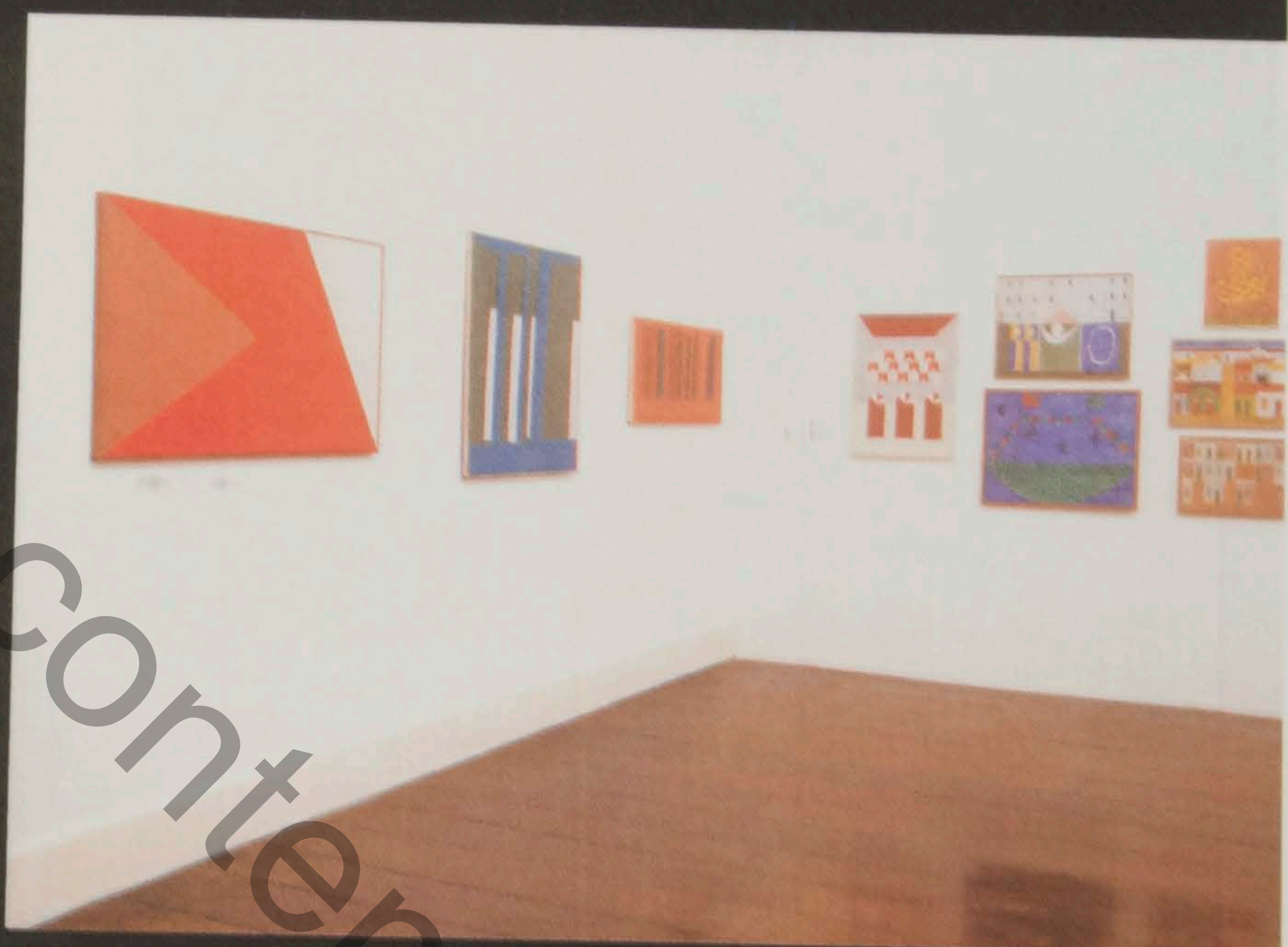


instituto de arte contemporânea

Escultura de Mary Vieira, biombo e telas de Ivan Serpa;
à direita, telas de Alfredo Volpi;
ao fundo, trabalhos de Hélio Oiticica.



Esculturas de Mary Vieira, Amílcar de Castro e
Franz Weissmann; à direita, telas de Antonio Bandeira,
Frans Krajcberg e Flavio Shiró Tanaka;
ao fundo, obras de Manabu Mabe.



Obras de Alfredo Volpi.

Ao centro, esculturas de Franz Weissmann;
ao fundo, obras de Helio Oiticica, Aluisio Carvão
e César Oiticica;
à direita, trabalhos de Geraldo de Barros,
Luis Sacilotto, Milton Dacosta e Décio Vieira.





Ao centro vitrines com trabalho de Lygia Pape;
ao fundo, telas de Aluísio Carvão.



Ao centro, obra de Aluísio Carvão e vitrines
com trabalho de Lygia Pape; ao lado da porta,
obras de Hélio Oiticica e Lygia Pape; ao fundo,
obras de Hércules Barsotti e Willys de Castro.



Ao fundo telas de Aluísio Carvão e trabalho
de Ferreira Gullar; no centro obra de Aluísio Carvão
e as vitrines com o "Livro da Criação" de Lygia Pape.
À direita obras de Hélio Oiticica e Lygia Pape.

Em primeiro plano, esculturas de Franz Weissmann;
ao fundo, trabalhos de Waldemar Cordeiro,
Judith Lauand, Hermelindo Fiaminghi, Luis Sacilotto
e Hélio Oiticica; à direita, trabalhos de Ubi Bava,
Rubem Ludolf e Almir Mavignier.



Na parede à esquerda, trabalhos de Décio Vieira.



Na parede, obras de Almir Mavignier,
Rubem Ludolf e Ubi Bava.



instituto de arte contemporânea

60/69

Evacuarate
Moderno
Nova Figuração
Experimental



Painel de abertura da década de 60; em primeiro plano, obras de Artur Barrio e de Gastão Manoel Henrique; ao fundo, trabalhos de Amílcar de Castro, Sérgio Camargo, Franz Weissmann, Mira Schendel e Hélio Oiticica; na parede à direita, telas de Antonio Bandeira, Ivan Serpa, Wesley Duke Lee e Raymundo Colares.



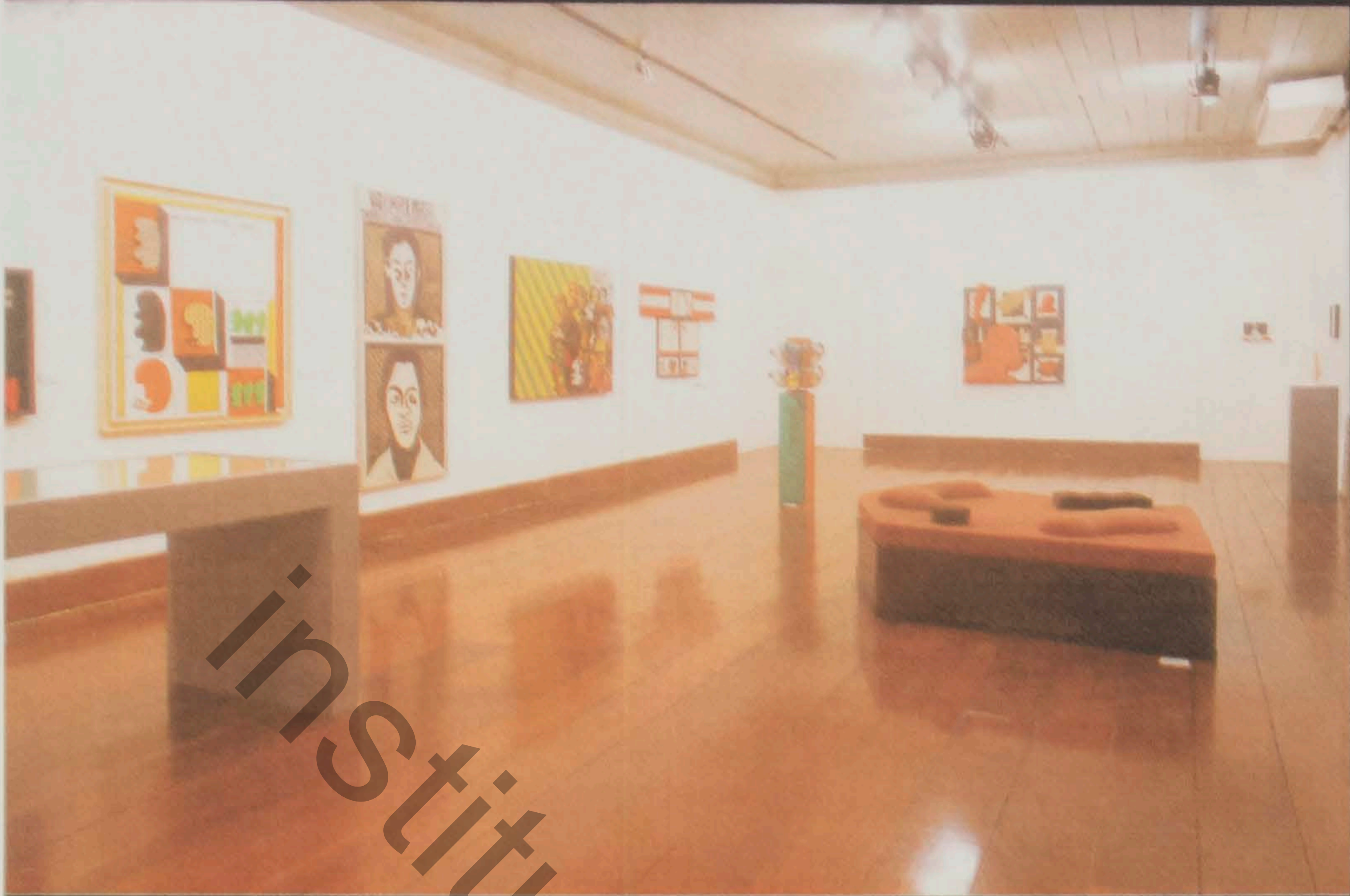
Esculturas de Walter Smetak e Farnese de Andrade; à esquerda, obras de Gastão Manoel Henrique e Frans Krajcberg; ao fundo, telas de Maria Leontina e Tomie Ohtake; à direita, no painel, gravuras de Anna Letycia e na parede, trabalhos de Ubi Bava e Aluísio Carvão.



Ao centro, obras de Amílcar de Castro, Sérgio Camargo, Franz Weissmann, Luiz Paulo Baravelli, Walter Smetak e Hélio Oiticica; na parede, trabalhos de Antonio Dias, Iberê Camargo, Rubem Valentim, Rubem Ludolf, Franz Weissmann, Dionísio Del Santo, Wanda Pimentel, Glauco Rodrigues, Antonio Henrique Amaral, Marcello Nitsche e Claudio Tozzi; ao fundo tela de Mira Schendel.



Ao centro, obras de Amílcar de Castro, Sérgio Camargo e Franz Weissmann; à direita, trabalhos de Ione Saldanha, Antônio Bandeira e Ivan Serpa.



Ao centro, obras de José Resende e Rubens Gerchman
à esquerda, trabalhos de Pedro Escosteguy,
Rubens Gerchman e, ao fundo, Antonio Dias.



Na parede ao fundo, telas de Nelson Leirner e
José Roberto Aguilar; à direita, trabalhos de
Anna Maria Maiolino, Ângelo de Aquino,
Pedro Escosteguy, Rubens Gerchman e Antonio Dias;
ao centro obras de Rubens Gerchman e José Resende.



Na parede à esquerda obras de Rubens Gerchman,
Carlos Vergara e Roberto Magalhães.

Esculturas de Amílcar de Castro, Sergio Camargo, Franz Weissmann, Luiz Paulo Baravelli, Walter Smetak e Helio Oiticica; ao fundo, trabalhos de Mira Schendel e Hélio Oiticica; na parede à direita, obras de Ione Saldanha, Antonio Bandeira, Ivan Serpa, Wesley Duke Lee e Raymundo Colares.



À esquerda, obras de Ione Saldanha e Frans Krajcberg; ao fundo, telas de Maria Leontina e Tomie Ohtake; ao centro trabalhos de Franz Weissmann, Sergio Camargo, Amílcar de Castro, Farnese de Andrade e Walter Smetak; na parede, à direita, telas de Iberê Camargo, Antonio Dias, Almir Mavignier, Aluisio Carvão e Ubi Bava.



Ao centro, obras de Walter Smetak e Luiz Paulo Baravelli; à direita, trabalhos de Wesley Duke Lee, Ivan Serpa e Antônio Bandeira.



instituto de arte contemporânea



Ao centro obras de Rubens Gerchman e José Resende;
à esquerda, trabalhos de Rubens Gerchman,
Carlos Vergara e Roberto Magalhães.



Ao fundo tela de Mira Schendel e bandeira de Hélio Oiticica;
ao centro, trabalhos de Walter Smetak, Lygia Pape e
Hélio Oiticica; à direita, obras de Wesley Duke Lee
e Raymundo Colares.



À esquerda, trabalhos de Raymundo Colares e
Wesley Duke Lee; ao centro obra de Lygia Pape;
na parede à direita, Cláudio Tozzi, Marcello Nitsche,
Antonio Henrique Amaral, Glauco Rodrigues,
Wanda Pimentel, Dionísio Del Santo, Franz Weissmann,
Rubem Ludolf, Rubem Valentim, Iberê Camargo
e Antonio Dias.



Sala de documentação:
Fotos históricas, cartazes de teatro e cinema.
Vitrines com fotos, revistas, livros e documentos de época.

instituto

70/79

de

arte

contemporânea

Bella Geiger Anna Maria Maiolino Antonio Dias Antonio Manuel
MMM Carlos Fajardo Carlos Vergara Carlos Zilio Carmela Gross
do Sued Emil Forman Frans Krajcberg Franz Weissmann
ue Hélio Oiticica Iole de Freitas Ivens Machado José Resende
Fonseca Luiz Octávio Pimentel Luiz Paulo Baravelli Lygia Clark
nomi Maria do Carmo Secco Mira Schendel Paulo Bruscky
Raymundo Colares Regina Silveira Regina Vater Rubens Gerchman
Waldemar Cordeiro Waltércio Caldas Ubi Bava
Waly Salomão

Painel de abertura da década de 70;
à direita, obras de Antônio Manuel
e Carlos Vergara.



Em primeiro plano vitrine com obra
de Lygia Pape, ao fundo, trabalhos de
Rubens Gerchman e Luiz Alphonsus;
na parede à direita, obras de Hélio Oiticica,
Leonilson e Luiz Fonseca.



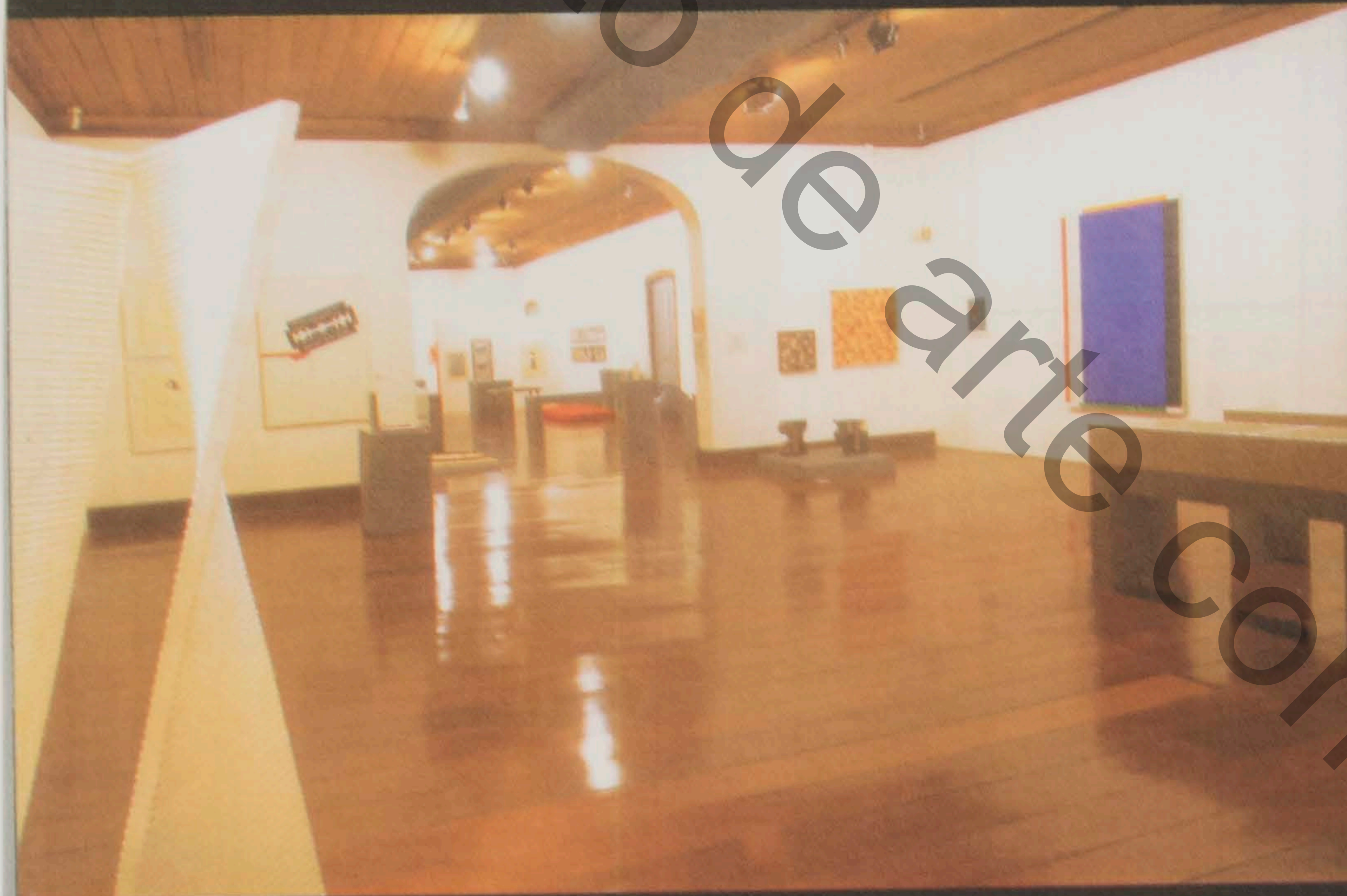
Ao centro, obras de Ivens Machado e
Antônio Manuel; à esquerda trabalhos
de Waly Salomão, Hélio Oiticica,
Anna Bella Geiger, Luiz Octavio Pimentel,
Mira Schendel, Waldemar Cordeiro e
Cildo Meireles; ao fundo,
obras de Waltercio Caldas.



Em primeiro plano, vitrine com registro de
trabalho de Umberto Costa Barros;
à esquerda, obras de Cildo Meireles;
à direita, trabalhos de Waltercio Caldas;
ao fundo, telas de Antonio Dias
e Carlos Fajardo, escultura de Ascânio MMM
e obra de Carlos Zílio.



Em primeiro plano, obra de Carlos Zílio na parede, da esquerda para a direita, tela de Carlos Fajard e trabalhos de Carmela Gross e Maria Bononi

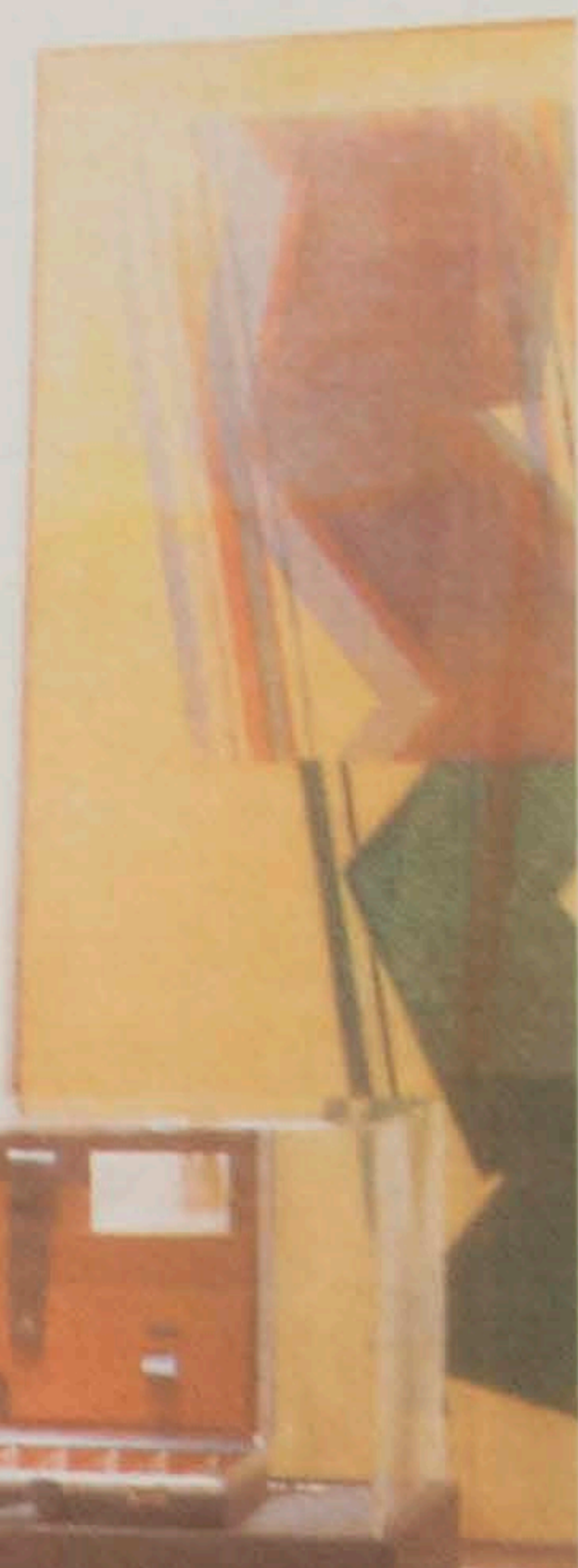


Ao centro obra de Waltercio Caldas; na parede à esquerda, trabalhos de Anna Bella Geiger, Mira Schendel, Waldemar Cordeiro e Cildo Meireles; na sala seguinte, tela de Eduardo Sued e obra de Franz Weissmann.



Em primeiro plano vitrines com documentação; no painel à direita, trabalhos de Antônio Manuel e Gastão Manoel Henrique; à esquerda, obras de Carlos Vergara, Iole de Freitas, Rubens Gerchman e Luiz Alphonso; ao fundo, desenhos de Luis Fonseca

instituto de arte contemporânea



Instituto

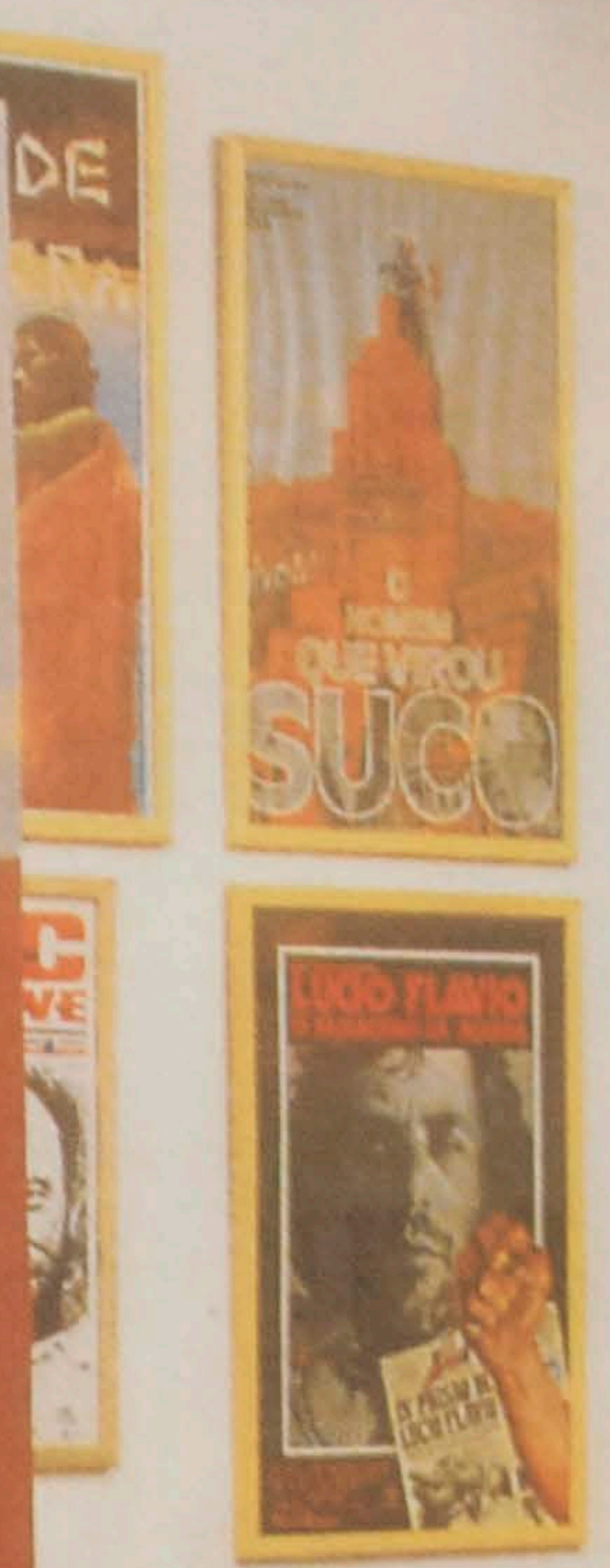
de arte

contemporânea

80/89

Experimental
Moderno
Transvanguarda
Contemporaneo

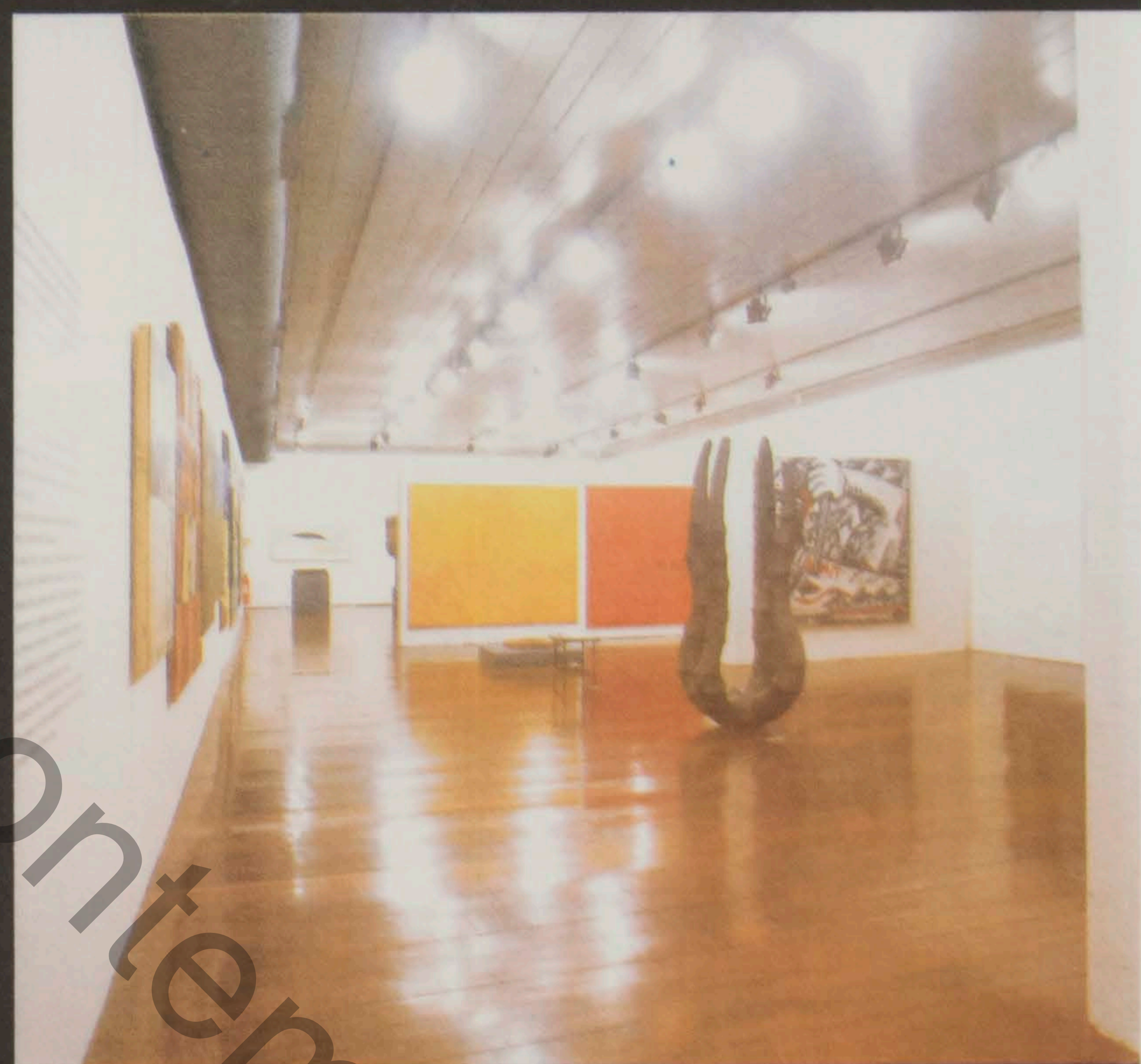
1980-1989
Anos de transição e descoberta
Artistas brasileiros em diálogo com o mundo
Novas linguagens e técnicas
Experimentação e inovação
Contexto social e político
Influência da arte internacional
Movimentos artísticos
Exposições e eventos
Críticas e recepção



Painel de abertura da década de 80;
à esquerda, obras de Ângelo Venosa e Celeida Tostes;
à direita cartazes de filmes na sala de documentação.



Sala de documentação com fotos históricas,
cartazes de teatro e cinema, revistas,
documentos da época e vídeos.



Em primeiro plano trabalho de Celeida Tostes;
ao centro, escultura de Ângelo Venosa e obras
de Saint Clair Cemin e Jac Leirner; nos painéis,
telas de Carlito Carvalhosa, Paulo Pasta e Daniel Senise;
ao fundo, obras de Anna Bella Geiger e Leonilson.



Ao centro, escultura de Ângelo Venosa;
à esquerda, telas de Cristina Canale e Luiz Zerbini;
à direita, telas de John Nicholson e Luiz Aquila
e obra de Celeida Tostes.

Em primeiro plano, obra de Anna Bella Geiger na parede, trabalhos de Rodrigo Andrade, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Fábio M...



Ao centro, trabalhos de Jac Leirner, Saint Clair Cemin e Ângelo Venosa; à esquerda, tela de Katie Van Scherpenberg e obra de Paulo Garcez; no painel, telas de Manfredo Souzaneto e desenho de Amélia Toledo; nas paredes, à direita, telas de Cristina Canale, Luiz Zerbini, John Nicholson e Luiz...



Na parede à esquerda, telas de Beatriz Milhazes, Chico Cunha, Jorge Duarte, Jadir Freire, Barrão, Fábio Miguez e Paulo Monteiro; ao centro, obras de Ângelo Venosa, Saint Clair Cemin e Jac Leirner; nos painéis, telas de Carlito Carvalhosa e Daniel Senise.



Ao centro escultura de Ângelo Venosa; no painel, à esquerda, Carlito Carvalhosa e Paulo Monteiro; no painel da direita, tela de Daniel Senise e na parede, obras de Cristina Canale e Luiz Zerbini.



instituto de arte contemporânea



À esquerda, tela de Leonilson, trabalhos de Tunga, Victor Arruda e Cildo Meireles; em primeiro plano, obras de Lygia Pape e ao fundo, tela de Emmanuel Nassif.



Ao centro, obra de Ana Maria Tavares e Guto Lacaz; à direita, tríptico de Leda Catunda; ao fundo, trabalhos de Rodrigo Andrade, Nuno Ramos e Paulo Monteiro.



Ao centro, trabalho de Leonilson; ao fundo, tela de Luiz Aquila e à direita, obras de Artur Barrio.

À esquerda, tela de Jorge Guinle; ao centro, trabalho de Leonilson; à direita, obras de Antonio Dias e Mira Schamberg.

instituto de arte contemporânea



90/02

Astrid Lages Maranhão, Brígida Bello, Carla Zucchi, Daniel Alentejo,
Edgard de Souza, Elián Almeida, Eliane Duarte, Elizabeth Jolim,
Ernesto Neto, Felipe Barboza, Genya Kurokawa, Ivan Espírito Santo,
Janaina Tschäpe, Jéssica Lopes, João Mello, John Nicholson, José Bernardes,
José Bento, José Damasceno, José Rufino, Karin Lamprecht, Luiz Paulo Rocha,
Marcelo Coutinho, Marisa, Marinho Patzold, Mauro Piva, Raul Mourali,
Ronaldo Becker, Ruane Setuonchiander, Rosângela Renno, Rubens Mello,
Tatiana Cinto, Tatiana Ormberg, Valéria Soares, Valéria Dias Nunes,
Václav

instituto de arte contemporânea

Painel de abertura dos anos 90 / 02; à esquerda, obra de Eliane Duarte; à direita, em primeiro plano, detalhe da obra de Nelson Felix e trabalhos de Martinho Patrício e Rosângela Rennó.



No ângulo à esquerda, trabalhos de Carla Zaccagnini e Jarbas Lopes; no arco, obras de Martinho Patrício e José Bento; ao fundo, trabalhos de Efrain Almeida, Rosângela Rennó, Georgia Kyriakakis, Luiz Paulo Rocha e Valeska Soares.



Ao centro, escultura de Edgard de Souza; à direita, trabalhos de Iran do Espírito Santo e Marepe; ao fundo, obras de Felipe Barbosa e Rubens Mano; à esquerda, em primeiro plano, vitrine com obra de José Bento, a seguir, trabalhos de Martinho Patrício, Efrain Almeida, Rosângela Rennó, Georgia Kyriakakis, Luiz Paulo Rocha, Valeska Soares e Brígida Baltar.



Ao centro, obras de Nelson Felix e Ernesto Neto; da direita para a esquerda, trabalhos de Ricardo Becker, Karin Lambrecht, Raul Mourão, mesa com vídeos do grupo Atrocidades Maravilhosas e as obras de Rivane Neuenschwander e Sandra Cinto.



À esquerda, obra de Nelson Felix, tela de José Bechara e trabalhos de José Rufino e Marcelo Coutinho; ao fundo, obras de Sandra Cinto e Rivane Neuenschwander; na parede da direita, em primeiro plano, escultura de Ricardo Becker, ao fundo vídeos do grupo Atrocidades Maravilhosas.



Na parede da direita, obras de Daniel Acosta, João Modê, José Resende, Tatiana Grinberg, Marepe, Janaína Tschäpe e Vik Muniz; ao fundo, trabalhos de Felipe Barbosa e Rubens Mano; ao centro, obras de José Bento e Edgard de Souza.



Em primeiro plano, trabalho de Valeska Soares; ao fundo, obras de Felipe Barbosa e Rubens Mano; à direita, trabalhos de Iran do Espírito Santo, Marepe, Janaína Tschäpe e Vik Muniz.

52/59

O projeto construtivo brasileiro assinala a década de 1950. Em momento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial, os concretistas incluíam em sua atuação uma crença na tecnologia em si e o desejo de propor uma visualidade que possibilitasse uma ponte entre arte e indústria, com vistas ao engajamento nos planos de desenvolvimento social, econômico e cultural que se delineavam para o Brasil nos democráticos anos 50. O neoconcretismo, partindo de uma ideologia construtiva, reintroduz a subjetividade e o gesto poético da criação, explorando e rompendo os limites do território artístico. Brasília, Bossa Nova e o Cinema Novo completam o clima positivo de construção e afirmação cultural do Brasil. O abstracionismo informal apresenta nos movimentos de novas linguagens uma alternativa ao projeto construtivo. Começam as discussões a respeito de melhor redistribuição de renda, com vistas a alargar a base social. Paralelamente, movimentos em torno da gravura buscam ampliar o público de arte.

Lauro Cavalcanti



instituto de arte contemporânea

Consultores

Ferreira Gullar

A arte concreta pode ser considerada, sob certo ponto de vista, a tendência dominante no Brasil dos anos 50 do século passado. De fato, os primeiros anos do pós-guerra caracterizaram-se, no campo das artes plásticas, pela retomada do intercâmbio que a guerra interrompera. Como essa interrupção determinara a permanência, especialmente em países como o nosso, das tendências em voga antes do conflito, a retomada do intercâmbio provocou o deslocamento dessas tendências para o segundo plano da cena artística. No caso do Brasil, a tendência em voga era o figurativismo com sabor nacional da pintura de Portinari, Di Cavalcanti, Segall e Pancetti; e a tendência européia que veio deslocá-lo foi o concretismo suíço do grupo de Ulm, liderado por Max Bill, cuja infiltração se efetivou a partir da I Bienal de São Paulo, em 1951.

Mário Pedrosa, que já era naquela época um crítico influente, tornou-se defensor e divulgador das idéias concretistas, influenciando uma nova geração de artistas cariocas, entre os quais Ivan Serpa, Almir Mavignier, Abraham Palatnik, a que se juntaram depois Aluisio Carvão, Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Lygia Pape e Hélio Oiticica, entre outros.

Paralelamente à atividade desse grupo, surgiu em São Paulo o grupo Ruptura, liderado por Waldemar Cordeiro e Geraldo de Barros, que também adotou o concretismo como o seu caminho artístico. Os dois grupos juntaram-se pela primeira vez na I Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada em dezembro de 1956 em São Paulo e em fevereiro do ano seguinte no Rio. Esta exposição marcou também as diferenças entre os dois grupos, diferenças essas que levariam à cisão do movimento e ao surgimento da arte neoconcreta (a primeira exposição neoconcreta realizou-se em março de 1959, no MAM do Rio).

O concretismo paulista caracterizou-se pela exacerbação das idéias de Max Bill, nisto consistindo sua originalidade, marcada por um despojamento radical da linguagem pictórica e uma racionalização do processo criador que lhe limitou a criatividade. Já o neoconcretismo desvinculou-se da influência européia e abriu um caminho próprio tanto no plano da realização como no da teoria; foi também um movimento radical: radicalizou as contradições implícitas na arte construtiva e com isso levou ao abandono dos suportes artísticos e a experiências antecipadoras dos rumos que a arte tomaria nas décadas seguintes. Como o movimento neoconcreto é deflagrado no final da década de 50, a maior parte das obras neoconcretas foi realizada na década seguinte. Esta é a razão por que, neste módulo da mostra, só se encontram as obras concretistas e as primeiras experiências neoconcretas. As obras posteriores pertencem ao módulo seguinte, que cobre os anos 60.

Ocorre também que, se a arte concreta de certo modo marcou os anos 50, não foi o único caminho trilhado pelos artistas brasileiros e, por isso, se nos limitássemos às obras concretas e neoconcretas daríamos uma visão falsa e simplificadora da arte do período. Na verdade, nos anos 50, em conseqüência mesmo das exigências construtivas trazidas pelo concretismo, Milton Dacosta e Maria Leontina iniciam uma das fases mais significativas de suas respectivas carreiras. Na Bahia, Rubem Valentim pinta seus primeiros quadros geométricos, dando início a uma das mais originais experiências no âmbito da arte construtiva brasileira, introduzindo nela a herança popular, sígnica e cromática da cultura negra. Isto, no campo da arte construtiva, mas

como ignorar que, precisamente na década de 50, surge um dos mais originais e criativos gravadores brasileiros, que é Marcelo Grassmann? Como ignorar a presença, neste período, de Fayga Ostrower, que dá o salto para a abstração realizando uma série magistral de gravuras em metal em que a cor tem papel decisivo?

A inserção destes artistas no módulo dos anos 50 parece-me questão pacífica. Mas há outras questões de difícil solução. Deve-se ou não incluir Iberê Camargo? E Frans Kracjberg? Estes e muitos outros artistas estavam criando e expondo nos anos 50. Diante desses problemas, adotei o critério de excluir os que, no período, não realizaram a parte mais significativa de sua obra nem a iniciaram nele. Estes são os casos de Iberê, Kracjberg, Lygia Pape e Willys de Castro, por exemplo, que deverão ter presença significativa, a meu juízo, nos módulos seguintes.

Lista dos artistas: Alfredo Volpi, Milton Dacosta, Maria Leontina, Ivan Serpa, Rubem Valentim, Marcelo Grassmann, Fayga Ostrower, Darel Valença, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Aluisio Carvão, Geraldo de Barros, Franz Weissmann, Abraham Palatnik, Amílcar de Castro, Décio Vieira, Waldemar Cordeiro, Hermelindo Fiaminghi, Hércules Barsotti, Maurício Nogueira Lima

Carlos Zílio

O ponto de partida para a indicação solicitada foi o levantamento sobre todos os artistas na década de 1950 e todas as exposições individuais e coletivas nas quais tomaram parte — esta pesquisa inicial foi feita por Guilherme Bueno e Felipe Barbosa.

A segunda etapa, por mim realizada, foi o trabalho de selecionar desta pesquisa geral os artistas, as obras e as exposições.

Critérios

Foram diversos os critérios por mim utilizados:

Com relação aos artistas, me guiei pelo que poderíamos chamar de importância histórica, além da eleição afetiva e de algo que necessariamente permeia a escolha, tanto de artistas quanto de exposições, e que foi uma relativa concentração no Rio de Janeiro, não por qualquer provincianismo bairrista, mas por ecos que se prolongaram em mim na influência quando dava meus primeiros passos como artista nos anos 60.

Procurei não tomar partido na disputa entre construtivos e informais, que era um debate importante na época, e atentar para artistas menos comprometidos com movimentos como Iberê Camargo, Maria Leontina e Milton Dacosta.

Outros artistas, tais como Sergio Camargo e Mira Schendel, preferi omitir, considerando que seus trabalhos vão despontar mais nitidamente no início dos anos 60. Dois outros, Volpi e Goeldi, se destacam na lista já com retrospectivas. A importância de Volpi para aquele momento parece-me consensual. Goeldi, no entanto, pode parecer um tanto inusitado, mas diria que os jovens artistas do período, por terem formulado uma concepção mais precisa do moderno, conseguiram compreender a sua real importância no âmbito do chamado período modernista. Essa revisão de Goeldi pode ser reconhecida por vários ângulos que sua obra propiciava, tanto pelo aspecto construtivo quanto expressivo, em Lygia Pape e Iberê Camargo.

Quanto às exposições, afóra a individual de Max Bill, procurei privilegiar as coletivas por se tratar de um período predominantemente de lançamento de movimentos e no qual a existência de uma atividade em grupo era uma das principais características. Há de ser dado um destaque especial a todas as Bienais de São Paulo ocorridas na década. Tiveram o poder de, durante algum tempo, colocar os artistas brasileiros com o que de mais importante a arte moderna havia produzido, provocando uma vigorosa renovação na produção brasileira. Já os Salões Nacionais de Arte Moderna, de menor expressão, possuíam uma presença que não pode ser desconsiderada, pois funcionavam como vitrine nacional das artes plásticas e davam o ambicionado prêmio de viagem ao exterior, que profissionalmente foi decisivo para inúmeros artistas. Separado do Salão Nacional de Belas Artes, o de Arte Moderna existia como uma recente conquista dos artistas modernos, o que demonstra um certo grau de politização cultural. Daí o destaque dado por mim para o salão de 1954, também conhecido por Salão Preto e Branco, pelo protesto quanto às dificuldades de acesso aos materiais de trabalho.

Além destes eventos, os demais demarcaram o lançamento do Abstracionismo entre nós e a constituição do Movimento Construtivo e das tendências concretas e neoconcretas. Em relação ao Rio de Janeiro, seria importante destacar a atuação das galerias Gea e Petite Galerie, pelas exposições criteriosas e ousadas e ainda, o IBEU, como espaço sempre aberto aos jovens artistas.

Enfim, longe de qualquer pretensão de criar uma leitura histórica, meus critérios acabam ganhando contornos talvez academicamente difusos, mas coerentes.

Lista dos artistas: Lygia Clark, Waldemar Cordeiro, Abraham Palatnik, Geraldo de Barros, Luis Sacilotto, Milton Dacosta, Willys de Castro, Alfredo Volpi, Manabu Mabe, Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Antonio Bandeira, Aluisio Carvão, Ivan Serpa, Lygia Pape, Iberê Camargo, Oswaldo Goeldi, Hélio Oiticica, Maria Leontina, Ione Saldanha

Lygia Pape

Optamos por indicar artistas de caráter construtivo e ainda para esclarecer inverdades como a possível influência de Max Bill no processo construtivo e na formação dos artistas no Brasil. Quando Mário Pedrosa defendeu a tese "Teoria da Atividade da Forma (Gestalt)", em 1948, na Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, diversos artistas estavam interessados nas linguagens construtivas, como Almir Mavignier, Mary Vieira, Ivan Serpa, Waldemar Cordeiro, Anatol Wladislaw.

Há uma história interessante contada pelo próprio Almir Mavignier sobre o Hospital do Engenho de Dentro:

Muito antes de 1948, Almir, com dificuldade em ter um ateliê para trabalhar como pintor, montou seu aparato de artista na própria oficina do Hospital Pedro II do Engenho de Dentro, onde a Dra. Nise da Silveira tinha sua clínica e Almir era seu monitor.

O interesse dos pacientes esquizofrênicos foi uma mágica: todos procuraram usar o material de Mavignier, e a atenta Dra. Nise deu-lhes então papel, tintas, barro, telas e outros materiais, iniciando-se um novo processo de atendimento e leituras do inconsciente de maneira inovadora e frutífera.

As obras foram surgindo aos borbotões e "falavam" pelos pacientes como que represadas por longo tempo.

E foi ali naquele caldeirão que Mário Pedrosa, a partir de 1948, começou suas visitas aos domingos, guiado pelo próprio A Ivan Serpa, Palatinik: iniciava-se um ciclo de pura invenção visual — cores e formas faziam-se presentes, independente: leituras técnicas da psiquiátrica obra da Dra. Nise da Silveira.

Rompia-se o silêncio da palavra — a obra agora era explícita.

Cada domingo era uma lição de arte. Para todos nós.

O grande prêmio da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, onde Max Bill recebe esse prêmio com a escultura "Unidade Tripart veio reforçar o movimento construtivo que já existia no Brasil. Nessa mesma Bienal Ivan Serpa ganha o prêmio de Pintor Jr com uma tela com uma estrutura geométrica e Palatinik ganha com a máquina cinemática, a 1ª máquina a ser realizada mundo até aquele momento.

Um processo de cores em movimento.

Inicialmente o grupo construtivo era formado por duas unidades:

Grupo Frente, liderado por Ivan Serpa e o Grupo Ruptura, idealizado por Waldemar Cordeiro e Anatol Wladyslaw em São P.

Em 1956, os dois grupos receberam convite para uma mostra: 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Brasil e depois convite de Max Bill, na Suíça, como 1ª Exposição Internacional de Arte Concreta.

Em 1957 houve uma ruptura entre os dois grupos: agora Grupo Concreto, com uma maioria de artistas de São Paulo, e G Neoconcreto, com artistas do Rio de Janeiro.

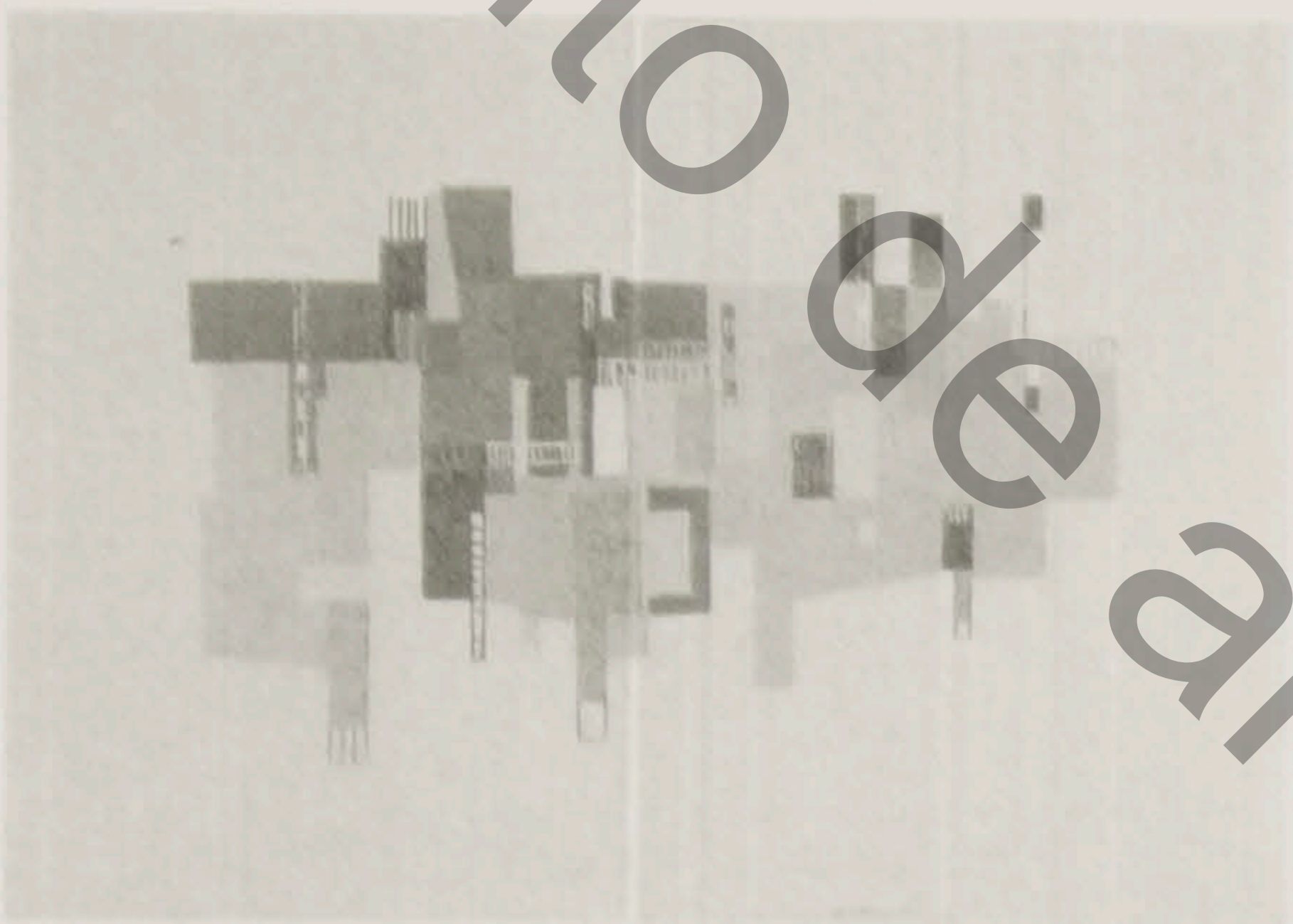
Nos dois grupos havia a presença de poetas como os irmãos Campos e Décio Pignatari, entre outros de São Paulo; no R Janeiro, Ferreira Gullar e Reynaldo Jardim.

Historicamente Alfredo Volpi foi a grande revelação do movimento Concreto. Realizou invenções riquíssimas e melhor artista em sua fase concreta.

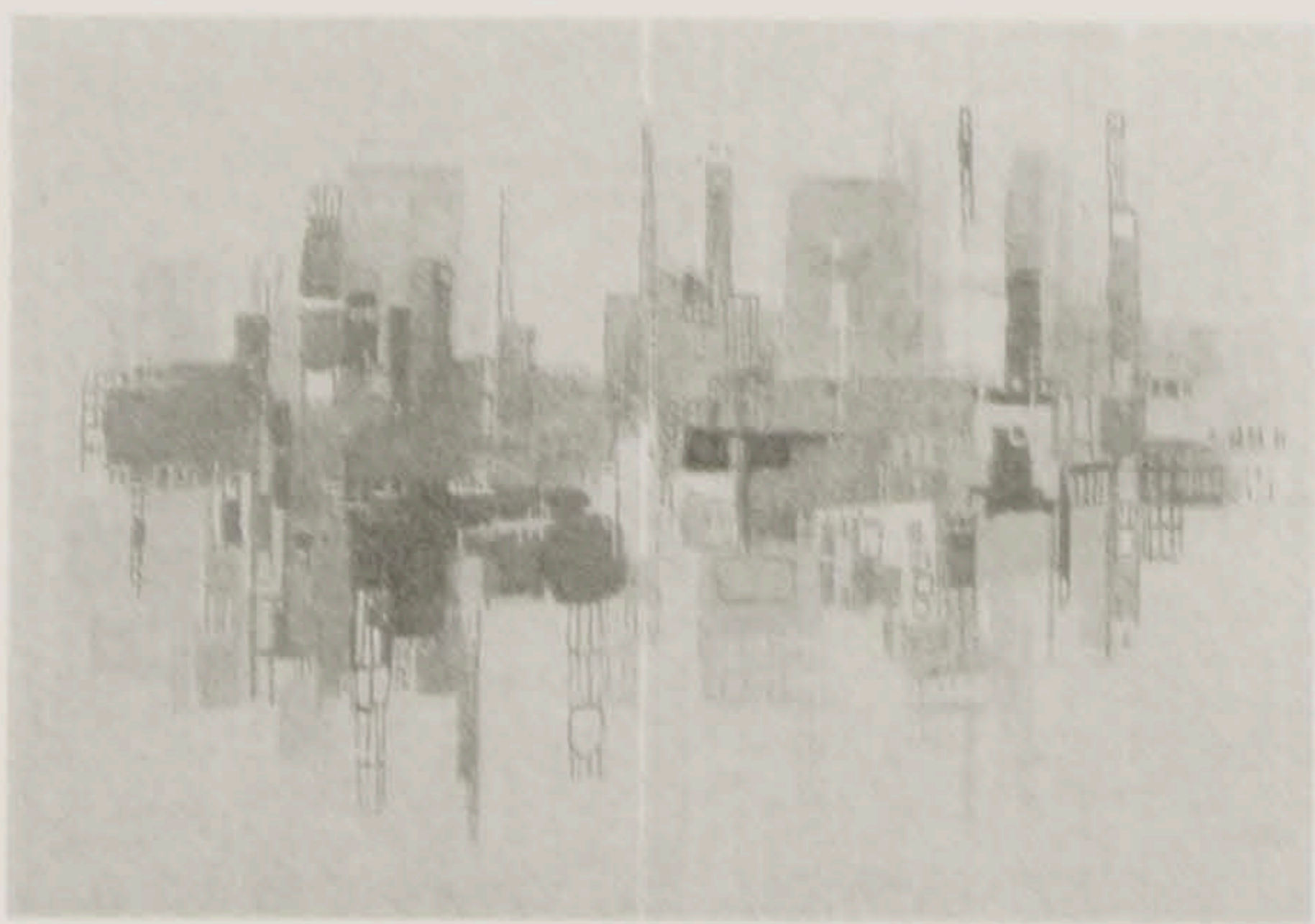
Lista dos artistas: Ivan Serpa, Almir Mavignier, Mary Vieira, Abraham Palatinik, Franz Weissmann, Am de Castro, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Aluisio Carvão, Lygia Pape, João José Costa, Décio Vieira (Rio de Janeiro), Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Judith Lauand, Willys de Castro, Hércules Barsotti, Fejer, Sacilot Volpi (São Paulo)



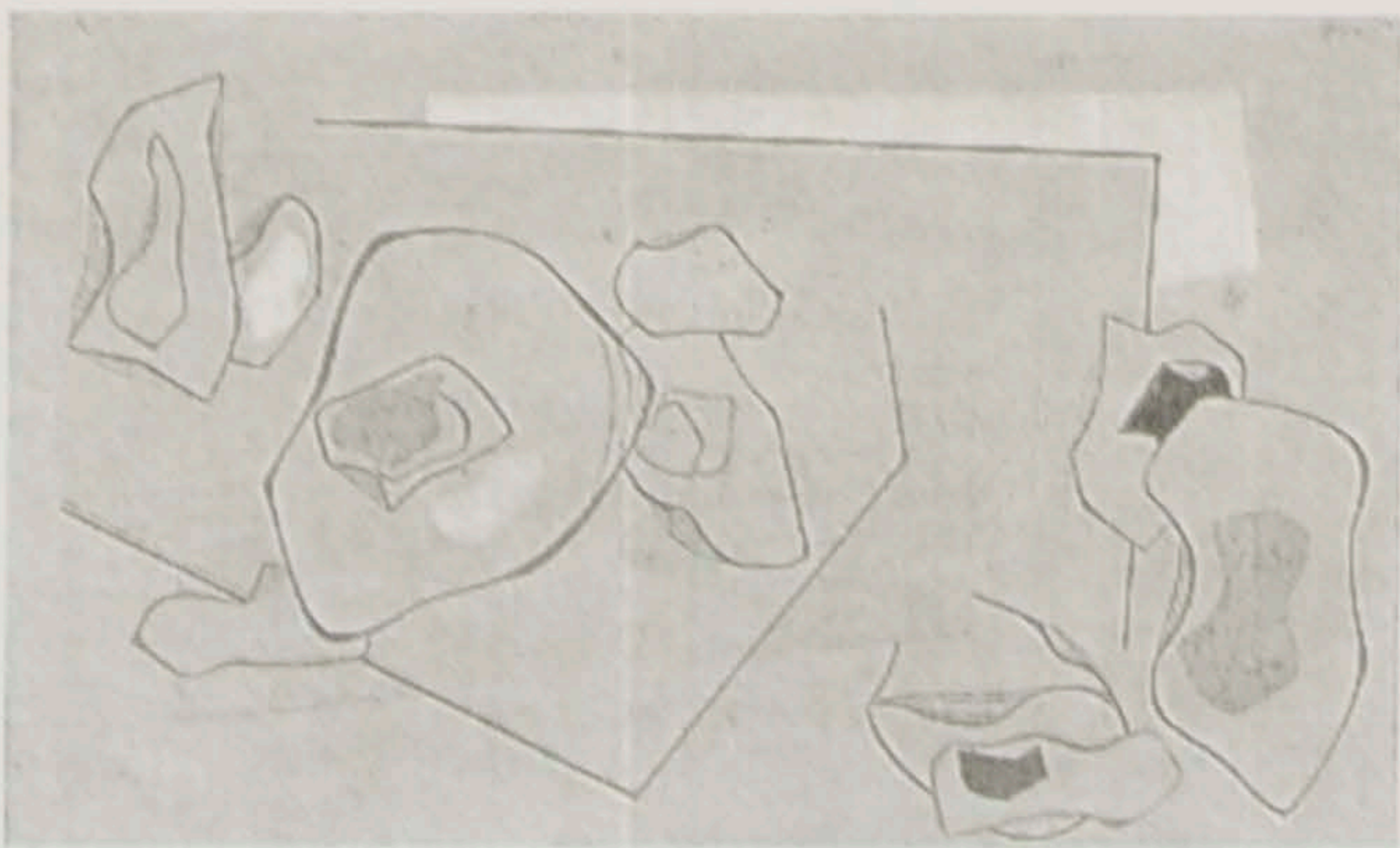
Hermelindo Fiaminghi
Círculos concêntricos alternados
Esmalte sobre aglomerado de madeira
60 x 60cm
Coleção particular – SP



Ione Saldanha (1921 – 2001)
Sem título, 1958
Óleo sobre tela
57x 81cm
Coleção Estúdio Guanabara – RJ



Ione Saldanha (1921 – 2001)
Sem título, 1950
Óleo sobre tela
56.5 x 80cm
Coleção Franco Terranova – RJ



Ivan Serpa (1923 – 1973)
Sem título, datado no verso: 13/2/51
Óleo sobre tela
38,3 x 61,6cm
Coleção Ricardo Rego – RJ